

O café nos...

(Conclusão)

tilações das estrelas, nem a luz serena da lua. No infeto porão, uma umidade incômoda porejava do meu corpo nu, senti a pele dilatar-se-me com a pesada inchação que me envolvia.

Triste travessia a do mar!

Que nostalgia da terra roxa!

Um dia felizmente abriram o alçapão: um fio dourado de luz acariciou-me as faces descoradas e ouvi então dizerem:

— Estamos no Havre.

De fato, o vapor parara, e com poucos dias de demora nos removeram para um armazém dessa cidade. Ali é que foram elas!! Rasgaram o saco e nos atiraram ao chão, num monte. Encontrei-me com muitos irmãos da mesma raça, vindos também da terra paulistana. A instantânea alegria desse encontro foi abafada sob a camada de uns cafés ordinários que foram despejados sobre nós. Eram tipos sujos, raquíticos, de outra raça.

Não pudemos fugir dos beijos e abraços de semelhante gente, mal educada e sem cerimônias.

Que coisa horrível! Faziam-nos descer às baixadas camadas sociais ferindo vilmente o nosso patriotismo! A minha maior mágoa foi quando me senti enascado nessa nova mistura híbrida e etiquetado a saca com o saudoso letrero — "Café do Brasil". Eu que era tão limpinho, tão bonito, de uma cor firme e de uma saudável robustez, fiquei achatado e mesquinho, magro e esverdeado, no meio de gente tão ordinária, de mistura com esses cafés baixos, muito pálidos e sujos.

Que vergonha! Ter de desacreditar a minha terra, o sagrado berço dos meus dourados sonhos!

Desde então perdi a pouca alegria que me restava, tornei-me melancólico, com desejo de me suicidar. E fá-lo-ia se tivesse ao alcance das mãos um instrumento apropriado. Vingava-me, porém, não trocando palavra com esses sujos companheiros. O meu silêncio, o meu grande silêncio de morte, era o meu solene protesto de patriotismo, na mudez do meu destino.

Cruel destino esse! Não se tinham passado muitos dias, atiraram-me para uma enorme fôrnalha, que devia ser a de Pedro Botelho, porque ardia como todos os diabos. Lá encontrei muita gente estranha: milho, feijão, chicória, figo e não sei o que mais. Fiquei furioso, gritei, protestei, estalei, contorcei-me em fúrias, mas o resultado foi que me queimaram bárbaramente, deixando-me negro, negro como um carvão.

Pensam talvez que, depois desse martírio atroz, deixaram sossegar nalgum cemitério da cidade? Puro engano! Os homens levaram a selvageria ao ponto de desrespeitarem o meu cadáver carbonizado. Enfiaram-no, com os meus companheiros de infortúnio, no tubo de uma engenhoca (outro bárbaro instrumento de suplício) e porfirizaram-nos com gozo perverso.

Realizava-se a profecia da Bíblia: — "...pulsis est et in pulverem reverteris".

Tal devia ser o nosso destino final, cumpria-se a vontade divina.

Mas a Bíblia escreve uma coisa e o homem pervertido pratica coisas diferentes, era esta a lição dos fatos. Contudo, apesar desse receio, já estava resignado, esperando que em pó haviam de nos deixar sossegados.

Triste e enganosa ilusão! O nosso pó foi despejado numa vasilha de crivos, e não tínhamos ainda saído da surpresa, quando sentimos o jato brutal de um jorro de água fervendo, que nos reduziu a um mingau.

— Basta! gritei eu nos estertores da agonia, sufocado entre as vapores, basta de tanto sofrer!...

Oh! que delicioso aroma! É um nectar delicado e saboroso o café, foi o que ouvi. Depois fui atirado para uma outra vasilha onde dormi na insensibilidade do meu perene sofrimento. No dia seguinte, novo jato d'água fervendo acamou os resíduos dos nossos átomos e fomos servidos em xícaras de porcelana aos fregueses dum hotel.

Esta vez, ouvimos alguém protestar:

— Assim se desacredita o hotel, Isto não é café, é água suja.

— Bem faço eu que não dou valor a essa bebida, retrucou alguém.

— Melhor que esta aguada perniciososa temos o aristocrático chá, a suave bebida dos deuses, articulou um gor-

do senhor, que soubemos depois ser o delegado do governo nacional, encarregado da propaganda do café no estrangeiro.

Os meus resíduos foram depois atirados ao quintal, num canteiro de violetas, e ali dormi finalmente o sono sossegado dos desamparados e dos abandonados.

Um dia, porém, senti o hálito perfumoso de uma gentil menina, que se inclinava para colher uma violeta. Aproveitei o ensejo para fugir daquele ostracismo; enviei minha alma na corola da mimosa flor para repousar enfim no seio de tão sedutora criança.

E assim terminou a minha atribulada vida encontrando para túmulo o seio immaculado duma virgem.

Bebei café, filhos da terra, mas café puro, genuinamente brasileiro, porque esta bebida tem a pureza das virgens e o perfume delicado das violetas; santifica e aromatiza a alma da gente.

Cada gole de café é uma prece aos seus mártires..."

Bicheiras fora de moda!

EM
QUALQUER
FERIMENTO

arranhaduras,
castração,
umbigos,
tosquia,
boubá etc.

use



Tampa
externa

Recoloca esta
tampinha interna
depois do uso!

que repele
as moscas
impedindo a
formação de
bicheiras

100.º repelente
curativo
e cicatrizante

Potes de 140 g - 350 g - 700 g

PEARSON S.A.

Cx. P. 2201 - Rio - Cx. P. 3860 - S. Paulo - Cx. P. 2587 - P. Alegre
Cx. P. 383 - B. Horizonte - Cx. P. 245 - Natal